

Futebol e Violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA¹

Beatriz ALEXANDRINO²

Estéfane PADILHA³

Mateus MAGALHÃES⁴

Janayna ÁVILA⁵

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Em Maceió, a rivalidade entre as torcidas organizadas dos dois maiores times da capital, CRB e CSA, produz efeitos que são um termômetro de tensões sociais e culturais contemporâneas e que fazem de Maceió uma das cidades mais violentas do Brasil. O artigo analisa as diferentes manifestações da rivalidade entre as torcidas organizadas Comando Vermelho (CRB) e Mancha Azul (CSA) a partir da cobertura midiática em Alagoas. O objetivo é refletir sobre diferentes tipos de violência na disputa futebolística e analisar como esse fenômeno contribui na construção da identidade cultural local.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; mídia; violência; torcidas; Maceió.

INTRODUÇÃO

Além da ligação histórica do futebol com o Brasil, a midiáticação do esporte, através da ampla cobertura dos campeonatos e da realização de mesas-redondas, entrevistas e programas nos mais diversos veículos de comunicação, contribui de forma incisiva para reforçar a relação entre o esporte e a noção de pertencimento. A forma como a mídia interpreta e difunde códigos próprios do universo futebolístico vai operar diretamente na compreensão e reflexão do público. Essa relação, imperceptível para a maioria do público, resulta, muitas vezes em um controle social que produz resultados negativos.

Uma das menores capitais brasileiras, Maceió tem índices negativos de cidade grande: uma das maiores taxas de analfabetismo e evasão escolar, número de homicídios superior, proporcionalmente, ao de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 - Jornalismo, no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de graduação 8º semestre do curso de Jornalismo da UFAL, email: beatrizalexandrino@gmail.com

³ Estudante de graduação 8º semestre do curso de Jornalismo da UFAL, email: estefane.padilha@gmail.com

⁴ Estudante de graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da UFAL, email: mateus-antonio@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UFAL e coordenadora do grupo de pesquisa Mídia, fotografia e estudos culturais, email: janayna.avila@ichca.ufal.br

Recife, e um alto consumo de drogas. Economicamente, como atesta Cícero Péricles de Carvalho (2014), Alagoas é um estado que mantém, há dois séculos, a mesma matriz de produção – a cana-de-açúcar – e uma profunda dependência econômica das verbas do Governo Federal.

Com uma dívida social longe de ser saldada, Maceió tem, no futebol, para muitos torcedores, uma diversão catártica. Para além dos resultados inexpressivos nos gramados, o futebol na capital alagoana reúne aspectos sociais e culturais bastante significativos e que merecem ser analisados com atenção, sobretudo pelo fato de a cidade ser apontada, frequentemente, como uma das mais violentas do mundo.

Os dois clubes da capital, CRB e CSA, ambos com mais de um século de existência, são rivais históricos, cujas disputas (os “clássicos”) comumente trazem manifestações de violência tanto verbal quanto física, sobretudo através das torcidas organizadas. Nesse cenário, a mídia tem um papel preponderante. Não raro, programas de TV e de rádio debatem ou difundem opiniões acerca dos conflitos entre as torcidas organizadas dos dois clubes, contribuindo, em alguns casos, para fortalecer a rivalidade entre os grupos, ou ainda para aprovar a manifestação violenta da força policial contra as torcidas, em dias de jogos.

Heloísa Helena Baldy dos Reis, em seu livro *Futebol e violência* (2006), divide a manifestação da violência no futebol em duas: a real e a simbólica. Essa diz respeito às provocações verbais, orais ou escritas, presentes, sempre, nos cantos entoados pelas torcidas, nas pichações feitas por elas nos muros das cidades e nas frases que carregam em suas bandeiras, faixas e estandartes. Entretanto, não é somente no universo das torcidas organizadas que a violência simbólica se faz presente. É possível observá-la também nos conteúdos produzidos e divulgados pela mídia. Um exemplo está na reportagem “Com dois a menos, jogadores do CRB destacam espírito guerreiro do time”, publicada pelo site Globo Esporte/AL, no dia 19 de fevereiro de 2014, como podemos verificar no trecho seguinte:

Dramático. Com todos os elementos de um bom clássico, o jogo de estreia de CSA e CRB no Campeonato Alagoano, disputado esta noite no Rei Pelé, foi digno de um verdadeiro espetáculo. No primeiro tempo de jogo, onde o time marujo saiu na frente com gol de Diego Clementino aos 11 minutos, depois, Tozin, aos 36, descontando para os alvirrubros, as duas equipes duelaram do começo ao fim. E a guerra ultrapassou as quatro linhas. O árbitro Chicão mal tinha acabado de dar o apito final quando um homem identificado como integrante do Corpo de Bombeiros chegou a disparar um tiro para cima, o que gerou tumulto na arquibancada azulina.

A violência simbólica está, claramente, presente no uso da linguagem do texto, quando se nota o uso das expressões “duelaram do começo ao fim” e “a guerra ultrapassou as quatro linhas”. O texto chega a naturalizar a violência no “esporte tornado espetáculo” (GASTALDO, 2009, p. 09), tratando a confusão em campo e na arquibancada, e até um tiro disparado por um oficial do Corpo de Bombeiros ao fim do jogo, como “elementos de um bom clássico”, o que não apenas minimiza o grave problema da violência em disputas de futebol, como também atribui valor positivo à mesma.

O grande problema é que a violência simbólica, ainda segundo Reis, transmuta-se, muitas vezes, na violência real. E, para a autora, isso ocorre, principalmente, graças à ausência de um planejamento específico de segurança pública voltado para as disputas do futebol profissional, algo que se encaixa perfeitamente na situação encontrada no clássico disputado entre CRB e CSA. Em Alagoas, os responsáveis pela organização dos campeonatos fogem da responsabilidade de fornecer segurança adequada às partidas, e delegam tal função, invariavelmente, à Polícia Militar. A PM, por sua vez, cuida do estádio e de seus entornos sem a preparação adequada: amontoam pessoas nas catracas, superlotam os corredores de acesso às arquibancadas para que seja efetuada a revista e vão a campo carregando armamento letal e cães treinados para o ataque. A perda de controle em situações simples é recorrente nas partidas disputadas entre os clubes donos das duas torcidas estudadas, o que faz, quase sempre, com que elas entrem em confronto com os policiais.

Dentre os torcedores envolvidos em conflitos, a quantidade de menores de idade impressiona. Tal fato, soma-se à dificuldade de acesso a educação para classes mais pobres, que compõem, em maior número, as torcidas organizadas e outros fatores, como aponta Carlos Alberto Máximo Pimenta:

Três aspectos se convergem para justificar e explicar a violência entre “torcidas”: a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. (PIMENTA, 2000, p.5)

O jovem alagoano da periferia cresce à mercê da violência, por viver numa cidade, Maceió, onde se cometem, aproximadamente, 57 homicídios por mês. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (Pnad), realizada em 2013, 21,8% dos habitantes alagoanos de 15 anos ou mais não sabem ler nem escrever. Num estado onde

as drogas se mostram a única saída da dura realidade (seja pelo efeito causado por elas ou pelo efeito do dinheiro gerado a partir da comercialização delas), o jovem se vê prisioneiro e distante de qualquer possibilidade de melhora, graças ao distanciamento entre o poder público e a periferia. Ao mesmo tempo, é posto que o Governo do Estado sobrevive hoje quase que exclusivamente dos repasses da União, em função de uma dependência econômica da monocultura da cana-de-açúcar há quase 200 anos, abalada pela grave crise do setor.

Por crescer imerso na cultura da violência, parte dos jovens integrantes das torcidas organizadas de Maceió naturaliza os conflitos violentos e experimenta prazer através deles, utilizando o futebol e a participação em torcidas organizadas como possibilidade de pertencimento e de afirmação de identidade – fato constatado, sobretudo, a partir da semelhança com outros cenários nacionais, a exemplo de Recife e São Paulo, sendo este último objeto de exaustivo estudo da pesquisadora Heloisa Baldy dos Reis. Daí o fato de, ainda segundo Pimenta, o número de filiações às torcidas organizadas aumentarem logo após o acontecimento de confrontos. Elas são sua válvula de escape e serão indispensáveis para que ele manifeste, em grupo, toda a sua insatisfação internalizada do Estado, ou melhor, de sua ausência: simbolicamente – ao entoar cânticos ofensivos à torcida rival e ao vestir os trajes de sua torcida; e fisicamente – ao entrar em confronto com a torcida rival, com a polícia ou ao cometer qualquer outro ato de vandalismo.

Por outro lado, conforme demonstrado em trechos de matérias analisadas neste artigo e durante os dez meses de Programa de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), da qual este artigo resulta, alguns discursos construídos e divulgados por parte da mídia local estimulam a violência ou não contribuem para um clima de pacificidade entre as torcidas locais. Em entrevista aos autores deste artigo, através do sistema de mensagens do Facebook, na *fanpage* da Mancha Azul, um dos líderes da referida torcida (que não quis se identificar temendo represália) afirmou que os atos de vandalismo cometidos por parte da torcida são sempre manchete nos jornais locais, em detrimento dos atos filantrópicos praticados pela mesma torcida, que não são pautados na mídia: “se fazemos o bem, seguimos no anonimato, mas ao menor erro, somos severamente penalizados”. Afirmou também que as desigualdades acarretam infortúnios sociais, como a propagação da violência dentro e fora dos estádios.

Assim, o torcedor morador da periferia, sobretudo o jovem torcedor, cansado da insignificância que lhe é imposta, sente a necessidade de pertencer. Segundo Bauman, a experiência do não pertencimento produz desconforto:

Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – deslocado. (...) Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaíam” e seja vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 18-19)

E, para o torcedor, aderir à violência contra os torcedores do time rival é apenas parte de um jogo ritualístico, elemento essencial da disputa futebolística. Algo indispensável para que ele se sinta integrante de um grupo e empoderado.

À parte disso, é novamente necessário observar o papel da mídia como construtora da realidade. Em 10 de maio de 2013, às vésperas de um clássico, o Pajuçara Futebol Clube/TNH1 abriu espaço para que os presidentes dos dois clubes (CRB e CSA) lançassem provocações:

Sobre o desafio, o mandatário regatiano está confiante. “Vamos ser maiores em tudo nessas finais, inclusive na torcida. Vamos conseguir a vitória nos dois clássicos e ser campeão, porque a torcida apaixonada do Galo [CRB] merece”, disse Barbosa. (...) Mas sobre o desafio, Jorge VI respondeu com convicção. “A torcida do CSA historicamente é maior e continua maior. Dessa vez não vai ser diferente e teremos o maior público”, concluiu.

Tais declarações, é claro, contribuíram mais uma vez para o fortalecimento da violência simbólica presente na disputa. E é possível afirmar que essa rivalidade com ares de batalha campal, se não inventada pela mídia, é por ela fomentada. Sem perceber, os presidentes dos clubes e os portais de notícias responsáveis pela divulgação das provocações contribuíram para os confrontos entre as duas torcidas, que tomariam a cidade nos dias seguintes. Sobre o papel da mídia como criadora/incentivadora da rivalidade, pode-se citar Édison Gastaldo, que explicita o exagero proposital da mídia brasileira na cobertura das Copas do Mundo de Futebol.

[...] a par da importância social da Copa do Mundo para os brasileiros, existe a apropriação deste evento pela mídia, em especial pelo jornalismo, que, se não “inventa” este interesse social, pelo menos o “aumenta”, com todos os meios de que dispõe, colabora para construir uma impressão de

realidade que mitifica a importância da Copa, elegendo-a como o “único” acontecimento digno de menção jornalística. (GASTALDO, 2009, p. 16)

A mídia alagoana, portanto, é responsável por potencializar as diversas manifestações da violência, em suas variadas facetas, no confronto entre os dois únicos clubes de Maceió em atividade e suas torcidas organizadas. Entretanto, não só a isso ela se limita: ela também cumpre papel importante na construção da identidade, anteriormente citada nesse artigo, dos torcedores do CRB e do CSA. Ao tratar esse como “o clube do Mutange” ou “do mangue”, e aquele como o “galo da praia”, “da Pajuçara”, a mídia reforça dois estereótipos: o de que todos os torcedores azulinos são periféricos – a imagem dos catadores de sururu da lagoa Mundaú – e o de que todos os regatianos são da elite e moradores dos bairros litorâneos – o aristocrata branco que assiste ao jogo da tribuna de honra. Ocorre, portanto, a construção de um caráter de “guerra de classes”, ao se generalizar, erroneamente, duas torcidas que dividem em cores um estado de mais de 3 milhões de habitantes, das mais variadas esferas econômicas e sociais. Há padrões e proletários, trabalhadores informais e aristocratas, nas torcidas dos dois times, logo, a ideia de “povo versus elite”, na disputa entre CRB e CSA, é uma mitificação proposta pela mídia.

Esse discurso midiático, fortalecedor de tais estereótipos e refletor de um preconceito de classe, é continuado durante as partidas, nas arquibancadas, quando a torcida regatiana chama, por exemplo, entre as músicas, a torcida azulina de “mundiça”, um termo que significa, basicamente, o excesso de pessoas que fazem parte das camadas menos favorecidas da população. Algo que também se enquadra na definição de violência simbólica, com potencial significativo a se transmutar na violência real.

Portanto, parte dos torcedores membros de torcidas organizadas personifica no adversário o Estado ausente, que molda a sua existência com base nos interesses do capital financeiro – um dos principais responsáveis pela perpetuação da cultura de violência em sociedades onde a desigualdade se faz presente – e canaliza toda a revolta contra esse adversário.

[...] o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais. (PIMENTA, 2000, p. 2)

Não podemos falar que a violência no futebol é um fenômeno novo, posto que ela está presente na sociedade desde sempre e é potencializada por inumeráveis fatores. As ditas torcidas organizadas, e os outros derivados do hooliganismo europeu, em parte alguma do mundo, surgiram a partir de um fenômeno espontâneo: elas representam um dos muitos resultados gerados pela equação que soma à desumanização imposta pelo capital, a ausência do Estado, a cultura de violência em sociedade e a construção da realidade pela mídia.

RIVALIDADE NO FACEBOOK

O futebol está no estádio. Mas não apenas nele. As manifestações que fazem referência ao mundo futebolístico amparam-se nos mais diversos âmbitos da sociedade: dos muros pichados aos meios de comunicação de massa, dos documentários televisivos aos artigos acadêmicos. E na internet não é muito diferente, pois as redes sociais – democráticas que são – criaram um terreno fértil na disseminação das opiniões e dos discursos de uma parte da sociedade que, antes da era digital, era quase que unicamente receptora de informação.

Os discursos que alimentam as redes sociais e mantêm vivas as interações entre os usuários dessas redes (ainda que eles não se conheçam pessoalmente) refletem as identidades culturais do meio em que estão inseridas. As comunidades digitais unem membros que se identificam com uma identidade específica. Estas são, de acordo com Bauman (2005), as chamadas comunidades de destino, em que não é necessário viver junto para se fundir numa comunidade, para se identificar e interagir com ela. Aqui, os membros da rede social do CSA são os torcedores deste time (chamados de “azulinos”), bem como os membros da rede social do CRB são os torcedores “regatianos”, e a identidade comum entre os torcedores é o seu time.

O que se nota nas redes sociais dos torcedores de ambos os times é, além de outros assuntos, a disseminação da violência simbólica marcada por declarações carregadas de preconceito. Percebe-se que identificação coletiva não se limita à prática esportiva em si. Ela se estende para o campo da violência simbólica. A mesma violência que assola o estado de Alagoas é refletida dentro dos grupos dos torcedores. Violência que se vê também dentro dos estádios antes, durante e depois dos “clássicos das multidões” locais.

Normalmente a violência com agressões físicas ocorre precedida de agressões de violência simbólica, e a transformação das agressões simbólicas em físicas ocorre quando o indivíduo perde o controle durante

suas manifestações afetivas/simbólicas e parte para a violência manifesta – física (REIS, 2006, p.16)

Para Raquel Recuero (2009, p.12), “as tecnologias digitais são produtos de nossas próprias intenções e propósitos”. Assim não podemos dissociar a violência real da violência simbólica, pois os meios de comunicação digital não dizem respeito apenas a aspectos estritamente tecnológicos. Eles são artefatos culturais e mediam interação entre as pessoas.

Para a análise do comportamento on-line dos torcedores dos principais times do estado de Alagoas, CRB e CSA, foi desenvolvido um trabalho de coleta de dados nas *fanpages* oficiais e nos grupos fechados dos times e das torcidas organizadas, todos hospedados no Facebook. Foi estudado o conteúdo publicado no período de janeiro a dezembro de 2015, ano com dois clássicos bastante marcados pela violência dentro das redes sociais e fora delas: um no dia 5 de abril, outro no dia 8 do mesmo mês. A escolha desse período de 12 meses apresentou um quantitativo seguro e relevante no que diz respeito à violência simbólica, com um conteúdo de mensagens preconceituosas em algumas publicações dos dois times.

As páginas analisadas foram seis: as *fanpages* das torcidas organizadas, intituladas Comando Alvirrubro CRB e Mancha Azul CSA; as *fanpages* oficiais de cada time; e os grupos secretos CRB Clube de Regatas Brasil e Nação Azulina. Importante ressaltar que as quatro *fanpages* (tanto dos clubes quanto das torcidas) não apresentaram durante todo o ano de 2015 nenhuma publicação de caráter agressivo, com relação ao seu respectivo rival. Foi comum nesses meios citados, inclusive, o compartilhamento de publicações de repúdio à violência entre os torcedores e de incentivo a jogos pacíficos, o que é bastante curioso.

O cenário de tranquilidade e até de uma postura contrária à violência em tais postagens não se observa, entretanto, nos chamados grupos secretos, existentes também no Facebook. O fato de os grupos secretos do CRB e do CSA ser uma espécie de território livre para todo tipo de violência simbólica explica-se pela forma de adesão e do funcionamento de tais grupos. Segundo a Central de Ajuda do Facebook, para ser membro do grupo, é necessário ser adicionado ou convidado por outro membro; apenas membros atuais e ex-membros podem ver o nome, a descrição e as marcações do grupo; e apenas os atuais membros têm acesso ao que é publicado no grupo. Essa restrição na visualização do que é publicado garante um anonimato muito maior se comparada com a possibilidade de acesso em grupos públicos, proporcionando maior liberdade nas postagens de conteúdo agressivo.

Os materiais colhidos foram (1) memes (imagens da web criadas com o intuito de ironizar algo ou alguém) de um time contra o outro; (2) publicações com teor agressivo ou que incitam a violência simbólica; além de (3) publicações que defendem atos de violência frequentemente cometidos fora do mundo virtual. Em meio a dezenas de postagens diárias (quanto mais perto de um clássico, maior era o número de postagens), muitas delas se enquadravam em uma das três situações anteriormente citadas.

Figura 1 – Nota oficial da Mancha Azul em defesa de ato de vandalismo



Fonte: Grupo Nação Azulina/Facebook

Figura 2 – Meme homofóbico ironizando a campanha preventiva ao câncer de próstata



Fonte: Grupo Clube de Regatas CRB/Facebook

A figura 1, do grupo Nação Azulina, mostra a nota oficial da Mancha Azul em defesa a um ato de vandalismo praticado após o jogo amistoso CSA x Confiança, quando os integrantes da torcida “surfaram” num ônibus. A figura 2 é do grupo “Clube de Regatas CRB”, onde é evidente o discurso homofóbico. As duas imagens ilustram bem a intolerância que marca parte do universo futebolístico alagoano.

Publicações desse tipo são muito comuns nos grupos. O machismo, a homofobia e a incitação à violência real – realidade que não se limita ao contexto alagoano contemporâneo – aparecem repetidas vezes, atitudes que têm raízes dentro da própria sociedade patriarcal, consolidada em valores de masculinidade e virilidade. Importante destacar que a prática esportiva pode culminar na violência, mas esta não é inerente ao esporte. A rivalidade entre os times é natural e saudável, mas a agressão é cultural; ela foi atribuída ao futebol, mas não é pré-requisito para a sua existência.

As redes sociais são uma peça fundamental no entendimento da sociedade pós-moderna: as novas identidades são líquidas, precárias e eternamente inconclusas, renuncia-se à solidez dos status que definem as identidades culturais. As identidades nacionais não bastam mais na definição das identidades individuais. São buscadas identidades que possam ser facilmente abandonadas e rapidamente substituídas por outras, na mesma cadência em que a sociedade se globaliza. Assim acontece nas redes sociais: dezenas de publicações diárias (muitas delas agressivas) movimentam o grupo a todo momento, na mesma medida em que as dezenas de publicações do dia/semana/mês anterior caem no esquecimento quase total. Bauman (2005, p.33) cita que “no admirável mundo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”, e apesar de não ser inerente ao futebol, as redes sociais exercem papel crucial para a manutenção dessa identidade líquida e violenta.

VIOLÊNCIA NOS MUROS: AS PICHAGENS

Além da violência física, outros tipos de provocações simbólicas se apresentam como fatores determinantes na rivalidade entre CRB e CSA. Além de músicas e cartazes nos estádios e memes na internet, um dos exemplos mais fortes se dá nas pichações feitas pelas torcidas organizadas Comando Vermelho e Mancha Azul, que tomam conta dos muros de Maceió.

No bairro do Mutange, onde fica localizada a sede do CSA, as manifestações mais presentes são assinadas pela Mancha Azul. E nos bairros próximos à orla, em áreas como Pajuçara (onde o CRB foi fundado) e Jatiúca, há mais incidências de ações da Comando Vermelho. No artigo “Pichação e comunicação: um código sem regra”, Luciano Spinelli explica que os centros das cidades são como uma terra sem dono, e, portanto, há uma briga metafórica entre os dois grupos para demarcar poder. O entorno do Estádio Rei Pelé, localizado no Trapiche, uma área quase central de Maceió, tem ainda mais significação, visto que ambos os times jogam no local. As provocações ganham força quando uma torcida organizada cobre a pintura da outra (fig. 3). Isso mostra a busca pelo domínio de cada um dos grupos, em defesa do seu time.

Figura 3 – Pichação sobreposta no conflito CRB X CSA



Fonte: Registro fotográfico do grupo de pesquisa Mídia, fotografia e estudos culturais

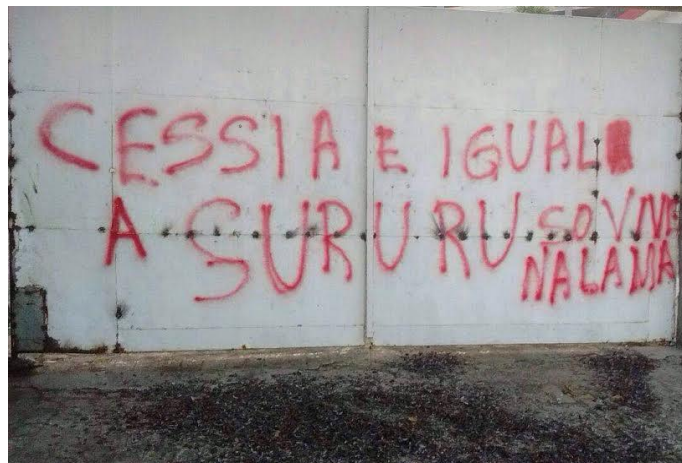
Spinelli defende que há na expressão da pichação um confronto entre os “crews” (diferentes grupos de pichadores), o que é preliminar a brigas propriamente físicas. E também há o desafio à polícia, por se tratar de uma apropriação não permitida do espaço público e com punição prevista na lei de crime ambiental. Essa teoria mostra a marginalização que as torcidas organizadas estão sujeitas, em atividades de uma parcela socialmente excluída, e com o estereótipo de que estão a um passo da criminalidade. Com esse estigma apresentado, o autor diz que os pichadores partem para ações noturnas, o que, no caso das organizadas, reforça ainda mais a separação entre os torcedores contrários à violência e aqueles que tomam o time como pretexto para suas ações ilegais:

Quem faz a pintura noturna da cidade vive como em um grupo de rapina, cuja motivação é a adrenalina, a aventura, diferente da racionalização manifesta por uma parte sedentária da população que acumula casa, carro e dinheiro em um processo rotineiro de enraizamento. (SPINELLI, 2007, p.114).

O grafite e a pichação nascem de motivações diferentes. As ações das torcidas também. Vão além do futebol, representam, ainda, um protesto contra os próprios clubes (em situações em que picham muros dos próprios centros de treinamentos, com mensagens pedindo melhorias ou a saída de técnico, diretoria ou jogadores) ou contra a sociedade. Gumbrecht (2015, p. 16) explica que a necessidade de reafirmar algo parte do esporte, mas pode ter significações mais subjetivas: “Temos a impressão de que a presença e importância crescentes do esporte hoje ocupam o lugar de algo – e devem, de fato, estar ocupando o lugar de algo – que perdemos”.

Em Maceió, as pichações relativas à rivalidade entre CRB e CSA podem aparecer em dia de jogo ou às vésperas, quando a rivalidade fica mais iminente. Um relato feito em um dos últimos encontros entre os times, na primeira final do Campeonato Alagoano 2016, no dia 1º de maio, mostrou um dos portões do Estádio Rei Pelé não apenas pichado pela torcida do CRB, mas também com cascas de sururu⁶ no chão (fig. 4):

Fig. 4 – Pichação fazendo referência ao sururu para agredir torcedores do CSA



Fonte: Registro fotográfico do grupo de pesquisa Mídia, fotografia e estudos culturais

⁶ O sururu é um molusco típico de Alagoas. É encontrado na lama das lagoas, faz parte da culinária tradicional alagoana. Em sua cadeia produtiva, as pessoas que atuam na pesca (uma atividade árdua), na limpeza e na venda do mesmo são de baixa renda.

A alusão ao sururu, usada para provocar os torcedores do CSA, apóia-se no fato de que o centro de treinamento do time está localizado às margens da lagoa Mundaú, a principal lagoa da capital alagoana e onde acontece a pesca do sururu. A partida em questão tinha mando de campo para o CRB e a parede pichada estava próxima à área destinada aos rivais. Antes mesmo da hora do jogo, as autoridades foram informadas e providenciaram a limpeza do local. A maior repercussão e provocação da pichação citada, portanto, se deu através das redes sociais. Bastou uma foto para eternizar o momento e disseminá-lo, e para Spinelli, apesar de efêmero, o ato tem um marco que supera o imediatismo:

É de se pensar a pintura na parede da cidade como algo sedimentar, que envolve com camadas históricas de tinta um suporte estético e expressivo. Quando escamas, uma após outra, as finas coberturas coloridas das paredes podem desvendar informações sobre a memória da cidade e a vida social que passou por ali. (SPINELLI, 2007, p.117)

Por outro lado, há um impacto na sociedade, que não se restringe apenas a quem torce para CRB ou CSA. Manifestações contra as duas torcidas usam a própria pichação para expressarem seu repúdio, com uso da metalinguagem. O grupo que picha frases contra as organizadas é mais bem visto, apesar de se utilizar de ação igualmente proibida. Há frases até nos muros da Polícia Rodoviária (fig.5), em uma manifestação transgressora. Há também grupos ou pessoas (não identificados) que fazem pichações apaziguadoras.

Fig. 5 – A pichação contra as torcidas organizadas



Fonte: Registro fotográfico do grupo de pesquisa Mídia, fotografia e estudos culturais

Seguindo o pensamento de grande parte da sociedade, a mídia se manifesta contrária às torcidas e às pichações. Em 29 de abril de 2012, no jornal Gazeta de Alagoas, a reportagem intitulada “O apelo que vem dos muros”, trata dos novos movimentos da arte de

rua em Maceió, com frases de amor ou pinturas artísticas. Uma das retrancas do texto tinha como assunto as pichações das torcidas organizadas Comando Vermelho e Mancha Azul, em que, segundo o autor, partiam não de torcidas, mas de facções que se ameaçam entre si e também causam receio aos moradores da cidade. A relação entre torcidas organizadas e violência, e até a ações criminosas, fica clara em diversas passagens do texto. Além disso, o próprio título usado na retranca – “Gangues rivais travam guerra de rabiscos” – traz essa conotação ao se referir a Comando Vermelho e a Mancha Azul como gangues:

Em vários pontos da cidade, principalmente na periferia, os simpatizantes de cada facção também travam uma guerra de rabiscos e xingamentos em defesa de suas cores, times de futebol, quadrilhas de tráfico ou sabe-se lá o quê.

Outro ponto levantado é que, para a publicação, as torcidas são da periferia e agem na periferia, isentando as áreas nobres das ações. No subtítulo da reportagem, outro exemplo do julgamento do jornal em relação às manifestações comunicativas das organizadas: “Na periferia, facções utilizam siglas para impor medo à comunidade local”. O texto condena e generaliza as organizadas, em um posicionamento que pode gerar um conflito destas com a mídia local, fomentando ainda mais os casos de violência não apenas entre Comando e Mancha, mas também contra a imprensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grave fenômeno da violência entre as torcidas organizadas necessita ser noticiado pela mídia e investigado sem preconceito e buscando identificar e compreender as razões desse enfrentamento. Pois há, e muito, o que se interpretar a partir do futebol e de outras manifestações culturais coletivas.

Em Maceió, CRB e CSA são, através de suas torcidas, um espelho dos desejos não realizados de boa parte da sociedade. A cidade, aqui, como em muitos exemplos ao redor do mundo, é fragmentada, propensa para os conflitos contemporâneos de toda ordem. Parte da mídia só contribui para dar mais corpo a esses conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação histórica de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2015.

GASTALDO, Édison. **O “país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009.

HELAL, Ronaldo.; AMARO, Fausto. **Esporte e mídia: novas perspectivas: a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo em Perspectiva. Ano 14, vol. 2, 2000.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Logos 26: comunicação e conflitos urbanos**. Ano 14, 1º semestre 2007.